

Em março e abril de 2020, a Covid-19 começava a se espalhar pelo Brasil, apresentando-se como uma enfermidade nova para a qual não havia remédio nem vacina, e forçando os governos do mundo a adotarem políticas públicas para evitar a disseminação viral. No Brasil, governadores e prefeitos tiveram de levar adiante tais medidas, enquanto o presidente da república se opunha, utilizando-se, para tanto, de pronunciamentos em cadeia nacional de rádio e televisão. Neste texto, analiso os pronunciamentos presidenciais de março e abril de 2020, utilizando a análise do discurso cartográfica proposta por Rettich (2020), e encontrando uma intensa luta por poder no momento em que o país passava por uma das piores crises de saúde já registradas.

Covid-19; Sars-CoV-2; políticas públicas; distanciamento social; Estado.

## **O PODER E A PESTE: OS DISCURSOS PRESIDENCIAIS SOBRE A COVID-19**

SOUZA , Flávio Vinícius Soares de. UFC<sup>1</sup>

### **1. Introdução**

Em 2020, a humanidade se viu diante de uma das maiores crises de saúde já enfrentadas no segundo milênio. A doença causada pelo vírus Sars-CoV-2 matou mais de 6 milhões de pessoas em todo o mundo (JOHN HOPKINS, 2022) e teve no Brasil uma atuação ainda mais massificada: em junho de 2020 o país se tornou o segundo do mundo em número de mortos por Covid-19 (JOHN HOPKINS, 2022).

Essa não foi a primeira nem será a última pandemia que a humanidade teve e terá de enfrentar. Ujvari (2011) nos mostra como vez por outra surgem agentes etiológicos mortais, globalmente disseminados de modo rápido e eficiente, assim como são rápidos e eficientes os meios de transporte no nosso mundo globalizado.

Eu morava no bairro chamado Rodolfo Teófilo, em Fortaleza, quando a pandemia de Covid-19 chegou à cidade<sup>2</sup>. Até então eu não conhecia a história

---

<sup>1</sup> Mestre em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual do Ceará (Uece) e bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFC.

daquele em homenagem a quem o bairro fora nomeado. Hoje, no final de 2022, e também naqueles dias mais cruéis da Covid-19, quando a doença começara a levar embora pessoas próximas a mim, eu via e ouvia algumas autoridades públicas, empresários e artistas reclamando das medidas de distanciamento social, levadas adiante como única forma de evitar o alastramento de uma enfermidade para a qual não havia remédio nem vacina. Naqueles dias mais cruéis, e também hoje, a história de Rodolfo Teófilo era um espectro que nos circundava.

Quanto nós voltamos no tempo, para aceitar aquilo que víamos e ouvíamos em 2020, século XXI? Quanto não aceitaríamos voltar no tempo, aceitar o abandono do Estado, o escracho público, o descaso? “E daí? Eu não sou coveiro” é um estigma desses tempos em que se resolveu declarar, publicamente e sem rodeios, que as lutas daqueles que nos precederam e a dor dos nossos semelhantes não são importantes. Iríamos aceitar – e ainda por cima calados?

Neste texto, analiso o discurso dos pronunciamentos presidenciais sobre a Covid-19 proferidos em cadeia nacional de rádio e televisão durante os primeiros meses da doença no país, março (4 pronunciamentos) e abril (1 pronunciamento) de 2020. O objetivo é analisar o conteúdo desses pronunciamentos num momento em que o país se preparava para enfrentar uma enfermidade desconhecida e de grande letalidade.

Como metodologia, serei acompanhado pela cartografia enquanto ferramenta para análise do discurso, em consonância com a proposta de Rettich (2020), segundo a qual a análise do discurso (dentro da cartografia) é feita sem a pretensão de se constituir como um olhar de fora, de forma objetiva

---

<sup>2</sup> O Poder e a Peste é um título que peguei emprestado do escritor cearense Lira Neto. A obra conta a biografia de outro cearense, Rodolfo Teófilo (1863-1932). Conta como ele, ainda criança, perdeu a família para um surto do cólera e só escapou por uma característica do seu corpo que lhe causava azias intermináveis: “a exagerada acidez no estômago, que tanto torturava o garoto, foi o que acabou salvando-o” (NETO, 199, p. 21). Apesar do cataclismo familiar, Rodolfo Teófilo conseguiu se reerguer. Anos depois, já adulto e farmacêutico, morava em Fortaleza quando uma peste de varíola atingiu a cidade. O surto do cólera na infância certamente era uma imagem que o perseguia, um espectro que o circundava, a ponto de ele, já adulto, se tornar uma espécie de Dom Quixote da vacina contra a varíola quando a enfermidade ameaçava dizimar os fortalezenses, assim como o cólera dizimara a cidade de Maranguape (CE) e a família de Teófilo. Praticamente sozinho, produzia a vacina contra a varíola em casa e saía percorrendo, a cavalo, a cidade de Fortaleza (CE), batendo de porta em porta para aplicar o imunizante.

e cientificista, mas, ao contrário, colocando-se como uma pessoa, e, portanto, atravessada por diversas forças, inclusive pelo objeto pesquisado.

Na análise do discurso proposta por Rettich, o trabalho será, então, “mais um enunciado acerca daquele objeto, constituindo-se como mais um vetor de força sob essa forma (objeto de análise), produzindo-o novamente” (RETTICH, 2020, p. 5433).

É, portanto, um modo de compreender os discursos presidenciais como textos a serem colocados em forma de um corpus, do qual somos afetados e também afetamos ao produzir “novos enunciados sobre esses enunciados com os quais trabalhamos” (RETTICH, 2020, p. 5434).

O movimento, pois, é muito mais o de feitura de novos enunciados do que o de coletar dados e descobrir resultados (e verdades ocultas). A pesquisa entendida como “produto de muitas implicações, muitas forças, até chegar à escrita final” (RETTICH, 2020, p. 5432), e não como um modo de revelar algo que já estava lá esperando para ser descoberto.

Dessa forma, após a coleta dos dados, constituídos como a transcrição textual dos discursos presidenciais, passei a analisar os significados daqueles discursos, por meio da proposta de Rettich (2020). É uma análise do discurso partindo do ponto de vista da pessoa que analisa: uma pessoa afetada pelas políticas de distanciamento e que perdeu um familiar para a Covid-19 ainda nos meses iniciais da doença, o mesmo período dos discursos analisados. A análise, portanto, não é apartada da subjetividade; pelo contrário, entende a subjetividade daquele que analisa como parte integrante do resultado dessa análise.

## **2. O jogo de poder nos pronunciamentos presidenciais sobre a Covid-19**

Mesmo com as políticas de distanciamento propostas por governadores e prefeitos, a Covid-19 se alastrou por todo o território nacional. Num contexto de luta por poder, a presidência da república se colocou como oposição às políticas implementadas por governos estaduais e municipais: o presidente da república adotou uma estratégia institucional de disseminação do vírus (VENTURA & REIS, 2021), e teve nos pronunciamentos em cadeia nacional de rádio e televisão (CNRT) um veículo de disseminação de ideias falaciosas e de criação de falsos dilemas, indo desde a defesa da cloroquina até críticas ao

distanciamento social, além da falsa dicotomia Covid-19 versus economia (COIMBRA & CARVALHO, 2020).

O presidente optou por promover, em CNRT, uma luta por poder, ao criticar as medidas de governadores e prefeitos e ostentar postura de embate entre o executivo federal e os executivos estaduais e municipais. Essa postura contraria o modelo cooperativo de gestão do SUS, utilizado nos últimos 30 anos e baseado no compartilhamento de políticas sob a coordenação federativa (FERNANDEZ & PINTO, 2020).

Assim, durante a vigência de uma das mais graves emergências em saúde pública do mundo, o Brasil precisou se reinventar na implementação e gestão de políticas públicas de saúde, devido ao caráter belicoso como o presidente lidou com os demais líderes políticos, uma postura de negar o diálogo e impor o conflito. De fato, ao lidar com a pandemia, Bolsonaro colocava a si próprio como o único preocupado com o bem-estar do “povo”, o único a partilhar e ter ciência das preocupações que tiravam o sono das “pessoas comuns” (BURNI & TAMAKI, 2021).

Nesse sentido, o presidente da república abria mão de compreender a complexidade das políticas públicas necessárias para barrar a disseminação da Covid-19, utilizando a estratégia corriqueira entre governos populistas: a invenção de inimigos (BURNI & TAMAKI, 2021).

Tentava, assim, tirar de si a responsabilidade pelo combate à pandemia e pelas implicações advindas do distanciamento social e a intensa e veloz disseminação viral, assim como se opunha publicamente àqueles que tomavam a dianteira da resolução do problema (BURNI & TAMAKI, 2021).

De fato, a luta por poder empreendida pelo presidente forçou o executivo dos estados a ocupar o lugar central (FERNANDEZ & PINTO, 2020). Com orientações contraditórias e ações insuficientes por parte do governo federal, falta de uma coordenação a nível nacional e ausência de diálogo do governo federal com os governos subnacionais, as políticas empreendidas tiveram de se fazer de maneira completamente desarticulada (FERNANDEZ & PINTO, 2020).

No dia 6 de março de 2020, o vírus Sars-CoV-2 havia transposto as fronteiras dos países e chegou ao Brasil, onde já havia pelo menos treze casos confirmados e outras centenas de casos suspeitos. O presidente, então,

fez o primeiro pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão (CNRT) para falar sobre a chegada do novo vírus.

Os pronunciamentos em CNRT são um momento em que uma autoridade da república toma a palavra e a transmite para todo o país. As televisões e rádios são postas em suspensão para transmitir a mensagem de alguém que é entendido como uma pessoa com poder de decisão a nível nacional (OLIVEIRA & CHAVES, 2013).

A cadeia nacional de rádio e televisão não é algo novo, foi criada em 1963 pelo então presidente João Goulart, e é mecanismo de comunicação em massa disponível para ocupantes de altos cargos na Administração Pública: presidente da República, presidente da Câmara, do Senado Federal, do STF e pelos ministros de Estado (OLIVEIRA & CHAVES, 2013).

Ao ser convocada, a cadeia nacional obriga veículos de comunicação do país inteiro, devido às exigências a que estão sujeitos canais de rádio e televisão, os quais são instituídos por concessão pública (OLIVEIRA & CHAVES, 2013). Bolsonaro se utilizou grandemente dos pronunciamentos em CNRT para abordar o tema da Covid-19: em 2020 ele se tornou a figura pública, desde a redemocratização em 1985, com a maior quantidade de pronunciamentos em cadeia (FREIRE, 2020). Foi também em 2020 que a Covid-19 se alastrou pelo país inteiro e atingiu todos os rincões, tirando, até o final de 2022, mais de 687 mil vidas (JOHN HOPKINS, 2022).

Era noite de 6 de março de 2020, horário nobre na televisão brasileira, quando o pronunciamento presidencial interrompeu a programação normal<sup>3</sup>. Na tela do televisor, o presidente da república vinha a público para falar sobre a nova enfermidade, com casos confirmados no Brasil. Jair Bolsonaro apresentou-se, então, em tom sereno, afirmando que o momento não era de pânico, listando medidas já tomadas pelo governo federal e conclamando a população a seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas (CORONAVÍRUS..., 2020).

---

<sup>3</sup> O termo “horário nobre” é de relevância para estudiosos da área da comunicação, principalmente aqueles ligados aos estudos sobre a televisão. Atualmente, uma das definições mais aceitas para o horário nobre na TV diz que se dá entre as 18h e as 00h, quando é maior a quantidade de brasileiros em frente aos aparelhos televisivos, o que acaba implicando em valores mais elevados para o espaço comercial, de publicidades, de merchandisings, etc. Em interessante trabalho de coleta e análise, Rocha, Silva e Moura (2016) abordam essa discussão e apresentam depoimentos coletados entre pesquisadores da área de comunicação sobre causas e conseqüências do termo horário nobre.

No dia seguinte, 7 de março de 2020, o presidente viajou para Miami, nos Estados Unidos, onde se encontrou com o governante americano Donald Trump. Na noite de Miami, Trump e Bolsonaro jantaram juntos em Palm-Beach e trocaram elogios. Trump disse considerar Bolsonaro um grande amigo, a quem havia dado um grande presente (BOLSONARO..., 2020). A resposta afetuosa de Bolsonaro foi dizer que algumas coisas que ele fez no Brasil foram inspiradas no governo do americano (BOLSONARO..., 2020).

Ainda que afirmem não ser possível comprovar um alinhamento previamente acertado entre os dois governantes, Carvalho, Castro e Schneider (2021), ao analisarem os pronunciamentos, publicações e entrevistas de ambos os presidentes, afirmam que “há uma convergência pelo menos intrigante em suas estratégias de desinformação e engodo” (CARVALHO; SOUSA; SCHNEIDER, 2021, p. 28). As semelhanças vão desde os conteúdos utilizados até as formas de enunciação (CARVALHO; SOUSA; SCHNEIDER, 2021).

Freitas e Negreiros (2021), analisando os discursos dos presidentes Bolsonaro e Trump durante 2020, primeiro ano de Covid-19, afirmam ter encontrado “similaridades entre os dois líderes tanto em suas retóricas quanto em suas respectivas práticas políticas e ações governamentais” (FREITAS & NEGREIROS, 2021, p. 52). Pertencem a ambos os líderes discursos e práticas de negação da ciência, dilapidação dos serviços públicos e uma postura de permanente disputa com os outros líderes políticos, como governadores e prefeitos (FREITAS & NEGREIROS, 2021).

Silva (2020) destaca como ambos os presidentes são ferrenhos defensores do uso da cloroquina como medicamento contra a Covid-19, “mesmo havendo constantes alertas da comunidade científica sobre a falta de comprovação da eficácia dos fármacos nesses casos” (SILVA, 2020, p. 5).

Da viagem de Bolsonaro aos Estados Unidos, pelo menos 23 integrantes da comissão presidencial retornaram ao Brasil trazendo dentro do corpo a infecção por Covid-19 (SOBE..., 2020).

Menos de uma semana depois, no dia 12 de março de 2020, Bolsonaro emitiu o segundo pronunciamento sobre a Covid-19, e adotando uma postura completamente diversa do pronunciamento do dia 6 de março. No dia

12/3/2020, o presidente elogiou a OMS, pediu para a população não entrar em pânico e evitar aglomerações, conforme a recomendação das autoridades sanitárias (MATOSO, 2020). Isso na primeira metade da fala.

A partir da segunda metade do pronunciamento, o presidente incorporou ao discurso as manifestações de apoiadores, marcadas para acontecer dali a três dias. Bolsonaro, então, apresentou um discurso dúbio: ora elogiava as manifestações, ora pedia para que fossem repensadas, “diante dos fatos recentes” (MATOSO, 2020). Ele classificou as manifestações como espontâneas, legítimas, demonstração de amadurecimento, “expressões evidentes de nossa liberdade”; inclusive divulgou, em cadeia nacional, a data marcada para as manifestações: 15 de março (MATOSO, 2020).

Alertou para a importância da preservação da saúde e da vida, pedindo união e bom senso, mas afirmando: “não podemos esquecer, no entanto, que o Brasil mudou. O povo está atendo e exige de nós respeito à Constituição e zelo pelo dinheiro público” (MATOSO, 2020), terminando por caracterizar que as motivações da vontade popular continuavam “vivas e inabaláveis” (MATOSO, 2020).

Essa comunicação dúbia, em que o presidente ia e voltava, dizia e se desdizia logo em seguida, foi usada em outros momentos: em 28 de abril de 2020, por exemplo, o presidente foi questionado acerca do fato de o Brasil ter, naquela data, ultrapassado o número de mortos da China, o país mais populoso do mundo e de onde o vírus foi originado. A resposta do presidente foi em tom de escárnio: “E daí? Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (GARCIA; GOMES & VIANA, 2020). Ao fundo, as risadas indicavam que a frase foi encarada como uma tentativa de piada.

Depois do deboche: “Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas” (GARCIA; GOMES & VIANA, 2020). E novamente uma afirmação adversativa: “Mas é a vida. Amanhã vou eu” (GARCIA; GOMES & VIANA, 2020), e prosseguiu com outra frase que pode ser vista como uma contradição à anterior: “Logicamente, a gente quer ter uma morte digna e deixar uma boa história para trás” (GARCIA; GOMES & VIANA, 2020).

Analisando as *lives* veiculadas por Jair Bolsonaro em seu canal no Youtube, Nava (2021) argumenta que Bolsonaro apresenta um padrão ao

abordar as mortes por Covid-19: “ou elas estão atreladas a um fator econômico ou são minimizadas ou questionadas” (NAVA, 2021, p. 17). Nava também identifica que, apesar de Bolsonaro alegar preocupação tanto com a economia quanto com a saúde, “a importância dada ao aspecto econômico mostra-se superior na construção do seu discurso” (NAVA, 2021, p. 22).

É um discurso, então, padronizado, que tenta minimizar as mortes causadas pela Covid-19 e, além disso, tenta redirecionar o assunto para tópicos adjacentes, como a economia, levando, inclusive a crer que a economia e a vida, no caso das políticas de distanciamento social contra a Covid-19, poderiam ser vistas como contrapostas.

Voltando a março de 2020, quando o presidente pediu bom senso, o fato é que ele mesmo não seguiu o próprio conselho. No dia 15 de março, Bolsonaro compareceu em pessoa às manifestações de rua, inclusive acompanhado do então presidente da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) (BOLSONARO IGNORA..., 2020).

Na data, o presidente e a comitiva que havia estado com ele em Miami deveriam estar em quarentena domiciliar devido a terem entrado em contato, na semana anterior, com pessoas infectadas. O apelo, porém, foi sistematicamente ignorado pelo presidente da república (BOLSONARO IGNORA..., 2020).

Durante os meses de março e abril de 2020, quando a enfermidade começava a se espalhar pelo país, Bolsonaro concentrou grande número de pronunciamentos: 6, 12, 24 e 31 de março e 4 de abril. O mais perigoso de todos foi o de 24 de março, quando Bolsonaro classificou a Covid-19 como uma gripezinha ou resfriadinho para aqueles que, como ele, tinham “histórico de atleta”.

Quanto às medidas de distanciamento social implementadas por governadores e prefeitos o presidente disse que “o sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade” (‘GRIPEZINHA’...,2020).  
Critica governadores e prefeitos:

Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa” (‘GRIPEZINHA’...,2020).

Procura diminuir a gravidade da doença: “Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine” (‘GRIPEZINHA’...,2020). E solta a famigerada frase:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão (‘GRIPEZINHA’...,2020).

Após essas colocações absurdas, o presidente ainda divulga a cloroquina como medicamento capaz de tratar a enfermidade. “Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite” (‘GRIPEZINHA’...,2020).

Silva (2020) destaca como Bolsonaro se utiliza de eufemismos para tratar da Covid-19, além de tentar aproximar a doença, naquela época completamente desconhecida, com analogias para algo já conhecido (“resfriadinho”, “gripezinha”), e reconhecidamente menos danoso. Desse modo, por meio do discurso, Jair Bolsonaro promove “um enquadramento discursivo que permite ao auditório caracterizar o desconhecido como familiar e, por conseguinte, preocupar-se menos em prevenir-se contra ele” (SILVA, 2020, p. 20).

Por meio do eufemismo e da analogia, a Covid-19 ganha, então, o status de uma doença já bastante conhecida e bem menos preocupante, “favorecendo os processos de persuasão e de construção da realidade empreendidos por Bolsonaro” (SILVA, 2020, p. 20).

Além de ter sido propalada no discurso de 24 de março de 2020, a cloroquina foi novamente defendida como remédio contra a Covid-19 no pronunciamento do dia 31 de março de 2020: “Os laboratórios químico-farmacêuticos militares entraram com força total. E, em 12 dias, serão produzidos 1 milhão de comprimidos de cloroquina, além de álcool em gel” (EM PRONUNCIAMENTO...,2020).

Também manteve a ambigüidade das colocações. Por exemplo: “Minha preocupação sempre foi salvar vidas. Tanto as que perderemos pela pandemia como aquelas que serão atingidas pelo desemprego, violência e fome” (EM PRONUNCIAMENTO...,2020).; “todo indivíduo importa. Ao mesmo tempo, devemos evitar a destruição de empregos que já vem trazendo muito sofrimento para os trabalhadores brasileiros” (EM PRONUNCIAMENTO...,2020).

Silva (2020) afirma que em falas, discursos e tweets, Bolsonaro demonstrava não ter certeza acerca da segurança da cloroquina no combate à Covid-19, e se utilizava do argumento da autoridade para propor a medicação como solução final para a Covid-19.

Ao analisar a abordagem utilizada por Jair Bolsonaro para divulgar o fármaco, Silva (2020) diz que a utilização do argumento de autoridade, junto a outros indícios, como, por exemplo, marcas de oralidade e imprecisão lexical, indicavam que Bolsonaro “tem pouco conhecimento sobre o medicamento, seus usos, bem como sobre sua eficácia no tratamento de covid-19” (SILVA, 2020, p. 25).

Para Silva (2020), a divulgação da cloroquina por Bolsonaro serviu como um mecanismo de tentativa de criar uma realidade paralela. Essa realidade simulada por Bolsonaro e difundida por meio dos discursos serviu para instituir ao redor do líder político uma audiência cativa:

uma versão da realidade sobre a covid-19 e seus desdobramentos econômicos e sociais de modo a compartilhar um paradigma comum com sua audiência, favorecendo, assim, seu projeto de dizer e suas ações como líder político que, como “mito”, ocupa um lugar para o qual foi escolhido e de onde, como “messias”, atua contra “tudo isso aí” (SILVA, 2020, p. 26).

Junto à atividade de criar inimigos, o empenho em forjar uma realidade paralela, na qual a Covid-19 já tinha cura, foi um mecanismo político para “garantir a adesão e o apoio popular”, e garantir-lhe a imagem quase deificada de um herói, um “mito” (SILVA, 2020, p. 25).

No pronunciamento de 8 de abril de 2020, Bolsonaro diz que

Respeito a autonomia dos governadores e prefeitos. Muitas medidas, de forma restritiva ou não, são de responsabilidade exclusiva dos mesmos. O Governo Federal não foi consultado sobre sua amplitude ou duração (VEJA..., 2020).

Depois disso, passou a alegar que as pessoas não tinham como deixar de trabalhar, de “se locomover para buscar o seu pão de cada dia” (VEJA..., 2020), precisando, portanto, abandonar as medidas de distanciamento social, que ele havia indicado como de responsabilidade exclusiva de governadores e prefeitos.

Chega a afirmar que “as consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a própria doença” (VEJA..., 2020), significando que as medidas de distanciamento levariam a consequências mais graves do que a disseminação viral. Como se não houvesse quaisquer meios à disposição do Estado de proteger as pessoas mais vulneráveis e mitigar os efeitos econômicos das medidas de distanciamento, pelo menos tentando evitar tanto a miserabilidade quanto o desemprego e, simultaneamente, a Covid-19.

Delimitou, portanto, um falso dilema, expresso numa simulada impossibilidade de ação, uma tentativa de justificar a inação da presidência da república em proteger a população contra a Covid-19. Esquecia, portanto, a saúde como um direito, constitucionalmente expresso, a ser garantido mediante políticas tanto sociais quanto econômicas. O artigo 196 da Constituição Federal de 1988 diz que

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

Desse modo, a saúde, como direito, deve ser garantido junto a políticas sociais e econômicas, e isso é um dever do Estado. Bolsonaro, enquanto ocupante do cargo de presidente da república, tem, portanto, o dever de garantir a saúde da população, possibilitando aos cidadãos adotarem o distanciamento social, medida recomendada naquele momento contra a Covid-19, e, também, garantindo que tais medidas tenham os menores efeitos adversos possíveis junto à população.

A forma como Bolsonaro optou se colocar no pronunciamento de 8 de abril deixa a impressão de que o presidente queria tirar de si a responsabilidade pelas medidas de distanciamento e, também, da necessidade

de apresentar políticas sociais e econômicas capazes de mitigar os efeitos negativos de tais medidas, os quais já eram, naquela data, previstos pelo próprio presidente.

Os pronunciamentos em cadeia nacional do presidente da república estiveram eivados pela tentativa constante de criação de inimigos, característica que Burni e Tamacki (2021) identificam como própria de governos populistas. Diante de uma das maiores crises de saúde já registradas no país, a maior autoridade da república optou por criar um contexto de luta por poder, escolhendo como inimigos tanto os veículos de comunicação quanto os governos estaduais e municipais (BURNI & TAMACKI, 2021).

Silva (2020) identifica essa estratégia recorrente de Bolsonaro de “construção de inimigos que o impediriam de agir como benemérito da nação” (SILVA, 2020, p. 12). Para Silva (2020), essa construção serve à manutenção de uma imagem de “um líder em luta incessante contra o mal” (SILVA, 2020, p. 13).

Naquele 8 de abril de 2020, o Brasil vivia sob uma Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), declarada pela Portaria 188 de 3 de fevereiro de 2020, do Ministério da Saúde. Nas situações de ESPIN, é acionado o Decreto 7.616/2011, que obriga o Ministério de Saúde a planejar, organizar, coordenar e controlar as medidas implementadas no combate à enfermidade, em articulação com governos estaduais, distritais e municipais do SUS.

Portanto, o pronunciamento presidencial seria mais profícuo se, ao invés de concentrado no prognóstico dos efeitos negativos da estratégia de distanciamento social adotada por governadores e prefeitos, e recomendada pela OMS, o presidente estivesse focado em divulgar medidas de recuperação da economia e de diminuição dos prejuízos previstos.

Embora tenha divulgado medidas do governo federal, como o pagamento do auxílio emergencial de 600 reais e liberação de saque do FGTS (VEJA..., 2020), o caso é que o pronunciamento de 8 de abril estava mais focado em confrontar as medidas de distanciamento social, destacando-lhes os efeitos negativos sem indicar as medidas de prevenção e mitigação de tais efeitos.

Ao invés de salientar e anunciar políticas públicas de recuperação econômica e de proteção aos mais vulneráveis, tanto políticas a serem implementadas emergencialmente quanto políticas a longo prazo, o presidente optou pelo combate, alicerçando a estratégia de luta por poder durante a pandemia da Covid-19.

### **3. Considerações finais**

Os pronunciamentos e entrevistas presidenciais se valeram da estratégia da ambigüidade do discurso, apresentando colocações que iam e voltavam em suas afirmações. Nos pronunciamentos, a enfermidade era encarada com eufemismos e vista como de pouca severidade, não sendo tão letal quanto apregoado pela imprensa, pelos governadores e pelos prefeitos.

O presidente adotou uma postura combativa relativamente aos executivos subnacionais que implementaram medidas de distanciamento social, contrariando trinta anos de políticas de saúde do SUS, marcados pela coordenação do governo federal, em cooperação com governos estaduais e municipais e em conformidade com o que apregoa o Decreto 7.616/2011.

Houve, portanto, a estratégia de criação de uma realidade paralela, em que os brasileiros não precisavam se preocupar tanto com a Covid-19, tratada, nos pronunciamentos, ora como uma enfermidade de pequena importância e para a qual já havia cura, ora como uma enfermidade que não deveria ter tanta atenção, podendo ser, segundo a realidade paralela criada nos discursos, mais danosas as medidas de distanciamento do que a doença em si.

A presidência desinformava ao divulgar a falácia de que a doença causada pelo Sars-CoV-2 tinha na cloroquina um medicamento capaz de curá-la: até hoje, após várias pesquisas, o medicamento não pode ser considerado eficaz no combate à infecção por Covid-19 (BATISTA, GONÇALVES & ABREU, 2022).

Desse modo, a presidência engendrava um contexto de intensa luta por poder à medida que se colocava como opositor de governos estaduais e municipais, e criava uma realidade paralela em que a enfermidade não era motivo de tanta preocupação. Enquanto isso, o Brasil alcançava a infeliz posição de segundo país com o maior número absoluto de mortos por Covid-

19, mergulhado no maior colapso sanitário e hospitalar da história (CASTRO, 2021).

Os espectros do passado, como o de Rodolfo Teófilo, nos impedem de silenciar: os anos de luta pela saúde pública no Brasil serão lembrados, os regramentos (como a Constituição Federal de 1988, a Lei Orgânica da Saúde e regulamentadora do SUS, Lei 8080/1990, e o Decreto N. 7.616/2011, sobre a ESPIN) servirão para enquadrar todo aquele que debocha da vida e da saúde da população o papel que lhe cabe: o de uma nota de rodapé, o de uma advertência de cadafalso nos degraus da civilidade e do respeito ao próximo.

## **Bibliografia**

BATISTA, Clecia Fialho; GONÇALVES, Divino Lucio de Sousa; ABREU, Clézio Rodrigues de Carvalho. Pandemia de Covid-19: automedicação e riscos de intoxicação (atuação do farmacêutico) **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Ano 5, Vol. V, n.10, jan.-jul., 2022. Brasília, DF. Disponível em <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/362> Acesso em 27 out. 2022.

BOLSONARO e Trump se encontram nos Estados Unidos. **G1**, 07/03/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/07/bolsonaro-e-trump-se-encontram-nos-estados-unidos.ghtml> Acesso em 21 out. 2022.

BOLSONARO IGNORA orientação e tem contato com 272 pessoas em ato. **Metrópoles**, 16/3/2020. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaraignora-orientacao-e-tem-contato-com-272-pessoas-em-ato> Acesso em 13 ago. 2022.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em 30 ago. 2022.

BRASIL. Ministério de Saúde. **Portaria N. 188**, de 3 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Disponível em <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388> Acesso em 09 set. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto N. 7.616**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional - ESPIN e institui a Força Nacional do Sistema Único de Saúde - FN-SUS. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7616.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7616.htm) Acesso em 09 set. 2022.

BURNI, Aline & TAMAKI, Eduardo. Populist Communication During the Covid-19 Pandemic: the Case of Brazil's President Bolsonaro. **Partecipazione & Conflitto**, Vol. 14, No. 1 (2021). Disponível em <http://sibaese.unisalento.it/index.php/paco/article/view/24018> Acesso em 26 out. 2022.

CARVALHO, Priscila Ramos; SOUSA, Paulo César Castro de; SCHNEIDER, Marco André Feldman. Desinformação na pandemia de Covid-19: similitudes informacionais entre Trump e Bolsonaro. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p.15-41, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/106529> Acesso em 8 ago. 2022.

CASTRO, Regina. Observatório Covid-19 aponta maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil. **Portal Fiocruz**, 17/3/2021. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-maior-colapso-sanitario-ehospitalar-da-historia-do-brasil> Acesso em 23 set. 2022.

COIMBRA, Mayra Regina & CARVALHO, Willian José de. Uma análise das estratégias argumentativas nos pronunciamentos oficiais de Bolsonaro. **Intercom**, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2016-1.pdf> Acesso 13 ago. 2022.

CORONAVÍRUS: Bolsonaro pede união e diz que momento não é para pânico. **Uol**. 06/03/2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimasnoticias/redacao/2020/03/06/coronaviruss-bolsonaro-pronunciamento-em.htm> Acesso em 23 out. 2022.

EM PRONUNCIAMENTO na TV, Bolsonaro muda o tom e não critica o isolamento social. **G1**, 31/3/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/31/empronunciamento-na-tv-bolsonaro-muda-o-tom-e-nao-critica-o-isolamento-social.ghtml> Acesso em 8 ago. 2022.

FERNANDEZ, Michelle; PINTO, Héider Aurélio. Estratégia intergovernamental de atuação dos estados brasileiros: o Consórcio Nordeste e as políticas de saúde no enfrentamento à Covid-19. **Revista Saúde em Redes** (ISSN 2446-4813), v. 6, Supl. 2 (2020):7-21. Disponível em <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3150> Acesso em 25 ago. 2022.

FREIRE, Sabrina. Bolsonaro é o presidente que mais fez pronunciamentos em 21 meses de governo. **Poder 360**, 8/9/2020. Disponível em <https://www.poder360.com.br/midia/bolsonaro-e-o-presidente-que-mais-fez-pronunciamentos-em-21-meses-de-governo> Acesso em 13 ago. 2022.

FREITAS, Felipe da Silva & NEGREIROS, Dalila Fernandes de. Trump e Bolsonaro: desinformação e racismo na Pandemia de Covid-19. **Revista Trabalho, Política e Sociedade**, Vol. 6, N.º 10, p. 35-60, jan-jun 2021. Disponível em <http://costalima.ufrrj.br/index.php/RTPS/issue/view/130> Acesso 8 ago. 2022.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. **G1**, 28/04/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml> Acesso em 23 out. 2022.

“GRIPEZINHA”: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. **Uol**. 24/03/2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimasnoticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm> Acesso em 09 set. 2022.

JOHN HOPKINS. **Covid-19 Dashboard** by the Center For Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU). Johns Hopkins University, Baltimore, 27 oct. 2022. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 27 oct. 2022.

MATOSO, Filipe. Bolsonaro diz que manifestações marcadas para o próximo domingo devem ser repensadas. **G1**, 12/3/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/12/bolsonaro-diz-que-manifestacoes-marcadaspara-o-proximo-domingo-devem-ser-repensadas.ghtml> Acesso em 5 ago. 2022.

NAVA, Aline Vivas. **“Eu não errei nenhuma”**: uma análise de *lives* de Jair Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19. Trabalho de conclusão de curso (Faculdade de Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2021.

NETO, Lira. **O Poder e a Peste**. Fortaleza, CE: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1ª edição, 199. ISBN 85-86375-X.

OLIVEIRA, Luiz Ademir de; CHAVES, Fernando de Resende. Estratégias de Comunicação Pública: uma análise dos pronunciamentos da presidente Dilma Rousseff direcionados às cidadãs brasileiras em cadeia nacional de televisão. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF**. ISSN 1981 - 4070. Vol. 78, N. 2, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21079/11454> Acesso 8 ago. 2022.

RETTICH, Juliana Silva. A Cartografia como Método: potências e devires para as práticas em análise do discurso. **Forum lingüístic**. Florianópolis, v.17, n.4, p.5 4 2 9 - 5441 , out./dez.2020.

ROCHA, Hugo Santos; SILVA, Maurício Tolomei; MOURA, Melissa Carolina de. No Ar - Faixa Nobre: Documentário sobre o Horário de Maior Audiência na TV Brasileira. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/expocom/EX53-0983-1.pdf> Acesso 8 ago. 2022.

SILVA, Alexandre Marques. (Não) é só uma gripezinha: argumentação e realidade forjada nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro sobre a covid-19. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus-BA, n. 20, v. 2, p. 4-28, ago. 2020. Disponível em <https://dx.doi.org/10.47369/eidea-20-2-2736>. Acesso em 8 ago. 2022.

SOBE para 23 o total de pessoas que estiveram com Bolsonaro nos EUA e têm coronavírus. **G1 & TV Globo**, 23/3/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/23/sobe-para-23-o-total-de-pessoas-queestiveram-com-bolsonaro-nos-eua-e-tem-coronavirus.ghtml> Acesso em 20 ago. 2022.

UJVARI, Stefan Cunha. **Pandemias**: a humanidade em risco. São Paulo, SP: Editora Contexto, 1a. edição, fevereiro de 2011. ISBN-10: 857244632X (e-livro).

VEJA e leia na íntegra o pronunciamento de Jair Bolsonaro. **Uol**. 08/04/2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/08/veja-e-leia-na-integra-opronunciamento-de-jair-bolsonaro.htm> Acesso em 23 set. 2022.

VENTURA, Deisy & REIS, Rossana. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19: um ataque sem precedentes aos direitos humanos no Brasil. In: **Boletim N. 10**: direitos na pandemia. São Paulo, 20/1/2021. Disponível em [https://www.fsp.usp.br/site/wpcontent/uploads/2021/05/Boletim\\_Direitos-na-Pandemia\\_ed\\_10.pdf](https://www.fsp.usp.br/site/wpcontent/uploads/2021/05/Boletim_Direitos-na-Pandemia_ed_10.pdf) Acesso em 21 jul. 2022.